



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO PIAUÍ
CAMPUS PIO-IX
CURSO ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO ESPECIAL E INCLUSIVA

IRISMAR RAQUEL DA SILVA

**INCLUSÃO ESCOLAR: UM OLHAR PERSPECTIVO SOBRE A DISORTOGRAFIA
E AS DIFICULDADES NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM**

PIO IX-PI
2023

IRISMAR RAQUEL DA SILVA

INCLUSÃO ESCOLAR: UM OLHAR PERSPECTIVO SOBRE A DISORTOGRAFIA E
AS DIFICULDADES NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Trabalho de Conclusão de Curso (artigo científico) apresentado como exigência parcial para obtenção do certificado do Curso de Especialização em Educação Especial e Inclusiva do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí, Campus PIO IX-PI.

Orientador: Prof. Dr. Miguel Antônio Rodrigues.

IRISMAR RAQUEL DA SILVA

INCLUSÃO ESCOLAR: UM OLHAR PERSPECTIVO SOBRE A DISORTOGRAFIA E
AS DIFICULDADES NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Projeto de pesquisa apresentado como exigência para aprovação na disciplina Artigo Científico II- TCC do Curso de Especialista em Educação Especial e Inclusiva Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí, Campus PIO IX-PI.

Aprovada em: 08/12/2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Miguel Antônio Rodrigues (Orientador)
Instituto Federal do Piauí (IFPI)

Prof. (a) Renata Lima Durão Reis
Membro avaliador

Prof. (a) Talita da Cruz Araújo
Membro avaliador

INCLUSÃO ESCOLAR: UM OLHAR PERSPECTIVO SOBRE A DISORTOGRAFIA E AS DIFICULDADES NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Irismar Raquel da Silva¹

Miguel Antônio Rodrigues²

RESUMO

A aprendizagem é um processo complexo que envolve diversos fatores, tais como, motivação, organização cognitiva, dificuldades, entre outros que são relativos aos estudantes. A Dificuldade de Aprendizagem Específica-Disortografia é um tema de grande relevância no âmbito escolar. Conscientes da complexidade do problema e as dificuldades de aprendizado, bem como as consequências que isso pode ter na vida do aluno. Assim, surge a seguinte indagação: Como a disortografia afeta o ensino-aprendizagem? E como intervir junto ao aluno disortográfico? O presente artigo teve como objetivo compreender as evidências da disortografia, enfatizando a dificuldade de aprendizagem dos alunos que a possuem. E como específicos: Identificar as dificuldades de aprendizagem, caracterizando as causas e características da disortografia, compreender possíveis intervenções para alunos disortográficos e entender a diferença entre disortografia, dislexia e disgrafia. Os dados e procedimentos foram de cunho qualitativo. Quanto ao método de coleta baseou-se numa pesquisa bibliográfica. Foram escolhidas quatro obras dos seguintes renomados: Afonso (2010), Bastos (2012), Torres e Fernández (2001) (2012), Cruz (2009) dentre outros. Após a revisão bibliográfica, constatou-se a relevância da compreensão do conceito de disortografia, uma vez que esta pode causar um atraso no processo de ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: Disortografia; Dificuldade de Aprendizagem; Intervenção.

ABSTRACT

Learning is a complex process that involves several factors, such as motivation, cognitive organization, difficulties, among others that are related to students. Specific Learning Difficulties - Dysorthography is a topic of great relevance in the school environment. Aware of the complexity of the problem and the learning difficulties, as well as the consequences this can have on the student's life. Thus, the following question arises: How does dysorthography affect teaching-learning? And how to intervene with dysorthographic students? This article aimed to understand the evidence of dysorthography, emphasizing the learning difficulties of students who have it. And as specific: Identify learning difficulties, characterizing the causes and characteristics of dysorthography, understand possible interventions for dysorthographic students and understand the difference between dysorthography, dyslexia and dysgraphia. The data and procedures were qualitative in nature. As for the collection method, it was based on bibliographical research. Four works by the following renowned artists were chosen: Afonso (2010), Bastos (2012), Torres and Fernández (2001) (2012), Cruz (2009) among others. After the bibliographical review, the relevance of understanding the concept of dysorthography was verified, as this can cause a delay in the teaching-learning process.¹

Keywords: Dysorthography; Learning Difficulty; Intervention.

¹ Licenciada em História pela UESPI e Ciências Biológicas pela URCA. Especialista em História e Cultura Afro-Brasileira FAVENI. Capacitação em Geografia, História e Meio Ambiente-FAVENI. Acadêmica do Curso de Especialização em Ensino de História e Mundo Contemporâneo. Universidade Federal do Piauí-UFPI. Acadêmica do Curso de Especialização em Educação Especial e Inclusiva. Instituto Federal do Piauí-IFPI. E-mail: iris.front@hotmail.com. Professor Orientador: Miguel Antônio Rodrigues. Pós-doutorado em Educação-USP. Doutor em Desenvolvimento e Meio Ambiente-UFPI. Mestrado em Logística e Pesquisa Operacional-UFC. Especialização em Metodologia do Ensino e Libras. Graduação em Licenciatura em Pedagogia, Matemática e Bacharel em Administração. E-mail: miguel.rodrigues@ifpi.edu.br.

1 INTRODUÇÃO

A educação é indispensável para a formação do cidadão, sendo, portanto, as instituições como um lugar ideal para a construção desse conhecimento. Siqueira (2006, p. 43) afirma que “a pessoa é educada, se constrói em diversos ambientes, a escola é mais um ambiente que se soma a estes outros e a partir de diversas experiências”. É perceptível que o objetivo da escola é proporcionar uma educação que os alunos sejam capazes de refletir criticamente sobre os temas que estão presentes em sua vida cotidiana, uma vez que a escola visa promover a cidadania, além de “ampliar a oferta, garantindo dessa forma, a qualidade educacional sem perder a outra especificidade” (Abreu, 1996, p.13). No entanto, é importante lembrar que adquirir conhecimento não é tarefa simples, já que há obstáculos de aprendizagem específicos, mas o estudo mais aprofundado desta pesquisa foi a Disortografia. Nessa perspectiva, o presente estudo tem como tema: A inclusão escolar: um olhar perspectivo sobre a disortografia e as dificuldades no processo de ensino-aprendizagem. A problemática indagou através da seguinte questão: Como a disortografia afeta o ensino-aprendizagem? E como intervir junto ao aluno disortográfico? Uma vez que, a Disortografia refere-se a uma Dificuldade de Aprendizagem Específica (DAE) que afeta a escrita e isso pode causar um atraso na vida estudantil da criança e jovens, pois segundo Rocha e Fontes-Martins (2014) “a escrita apresenta uma maior complexidade por exigir a tradução dos conteúdos aprendidos em registros escritos.”

A justificativa para a pesquisa é orientar sobre a disortografia, uma vez que há docentes que desconhecem ou não compreendem como lidar com crianças disortográficas. É de suma relevância que os docentes percebam essas dificuldades a partir do Ensino Fundamental I, além disso, a pesquisa objetivou contribuir para o processo de inclusão dos alunos com necessidades especiais e proporcionar a construção do conhecimento, rompendo, dessa forma, com as barreiras da exclusão no ambiente escolar, uma vez que, desse modo, será possível reconduzir “os alunos diferentes”, entre os que têm uma deficiência, ao lugar do saber, de que foram excluídos, na escola ou fora dela” (Mantoan, 2008, p. 39).

A compreensão do tema da dificuldade de aprendizagem é crucial para o processo de inclusão, pois muitas vezes, o docente que não tem o conhecimento ou, às vezes, não tem o apoio da direção escolar, acaba excluindo o aluno de determinadas atividades por não saber lidar com a situação.

Assim, o objetivo, em geral, é compreender as evidências da disortografia, enfatizando as dificuldades de aprendizagem dos alunos. Os objetivos específicos são: identificar as dificuldades de aprendizagem, caracterizando as causas e característica da disortografia; compreender as possíveis intervenções para disortografia e compreender a diferença entre disortografia, dislexia e disgrafia.

O estudo foi dividido nas seguintes seções: O procedimento metodológico, que apresenta como a pesquisa foi conduzida. O desenvolvimento foi fundamentado em uma perspectiva histórica. Inicialmente resalta-se o processo de contextualização e particularidade da disortografia sob a perspectiva etimológica. Diferença entre disortografia, disgrafia e dislexia, que apresenta uma abordagem diversa sobre os diferentes tipos de transtorno de aprendizagem e como cada um deles pode se manifestar na vida dos alunos; A intervenção, acompanhamento e tratamento no transtorno da disortografia, que propõe reflexões sobre a relevância do acompanhamento por parte do docente e família, a fim de identificar a presença do transtorno da disortografia, desenvolver atividades que possam auxiliar o aluno disortográfico, disponibilizar formação continuada para os educandos, pois se faz necessário primeiro conhecer o transtorno de aprendizagem para poder intervir. Considerações finais: É necessário compreender o conceito de disortografia e como ela pode

se manifestar na vida estudantil, pois todas as atividades relacionadas ao ensino-aprendizagem devem ser conduzidas para o desenvolvimento do estudante.

2 PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

2.1 MODALIDADE DA PESQUISA

A pesquisa foi conduzida por meio do método qualitativo, utilizando a subjetividade no assunto investido. De acordo com Knechtel (2014), a pesquisa qualitativa pretende descrever o objeto para obter dados para a problemática discutida. Essa pesquisa visa a complexidade, a diversidade e a flexibilidade, permitindo a qualidade do trabalho.

A abordagem qualitativa é mais adequada para a pesquisa, pois requer uma análise minuciosa do tema em questão, uma vez que consiste em:

[...] na escolha correta de métodos e teorias oportunos, no reconhecimento e na análise de diferentes perspectivas, nas reflexões dos pesquisadores a respeito de sua pesquisa como parte do processo de produção de conhecimento, e na variedade de abordagens e métodos (Flick, 2004, p. 20).

A pesquisa qualitativa é, portanto, relevante para as revisões bibliográficas, uma vez que auxilia o estudante a compreender o objeto de estudo, levando em consideração as subjetividades e a complexidade inerentes ao projeto de pesquisa.

2.2 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

Os dados foram coletados por meio de uma pesquisa bibliográfica. Inicialmente, realizou-se uma pesquisa sobre os possíveis escritores que poderiam abordar a temática discutida no projeto. Para fins de seleção, foram buscadas publicações e trabalhos, avaliados em meio acadêmico, artigos e revistas publicados nos anos de 2005 a 2021. A justificativa para esse critério é a confiabilidade das informações, visto que a pesquisa foi conduzida em fontes confiáveis, como Scielo e Google acadêmico.

Neste íterim, foram encontradas, as seguintes publicações como, demonstra o quadro abaixo:

Quadro 1- de identificação dos autores

Autores/Título/Ano
AFONSO, M. L. P. Disortografia: compreender para intervir. Dissertação (Mestrado em Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti), Porto, 2010.
COELHO, D. T. Dislexia, Disortografia e Discalculia. Porto: Areal Ed. 2012.
TORRES, R. FERNANDEZ, P. Dislexia, Disortografia e Disgrafia. Portugal: McGraw-Hill, 2001.

Fonte: elaborada pela autora, 2023.

Após a leitura, foram organizados os tópicos relevantes para a pesquisa, como o conceito e o significado da palavra disortografia, a diferença entre disgrafia, dislexia e disortografia e a intervenção, acompanhamento e tratamento no transtorno da disortografia, que estão relacionados ao propósito da pesquisa.

A identificação dos autores principais mencionados permitiu a definição da pesquisa, mas é importante mencionar outros autores, como Ferreira e Batista (2018), Hudson (2019), Santos (2014), Serra (2005) entre outros autores que contribuíram para a fundamentação e o progresso da pesquisa.

3. CONCEITOS E CARACTERÍSTICAS DA DISORTOGRAFIA

Segundo a etimologia, a disortografia deriva dos conceitos “dis” (desvio) + “orto” (correto)+ “grafia” (escrita), ou seja, é uma dificuldade é causada por “um conjunto de erros de escrita que afetam a palavra, mas não o seu traçado ou grafia. (Vidal, 1989, citado por Torres e Fernández, 2001, p.76). Sendo assim, a disortografia é um transtorno de aprendizagem específico que, de acordo com Pereira, é caracterizado por:

Perturbação que afeta as aptidões da escrita e que se traduz por dificuldades persistentes e recorrentes na capacidade da criança em compor textos escritos. As dificuldades centram-se na organização, estruturação e composição de textos escritos; a construção frásica é pobre e geralmente curta, observa-se a presença de múltiplos erros ortográficos e (por vezes) má qualidade gráfica (Pereira, 2009, p. 9).

Dessa forma, é relevante salientar que a disortografia é considerada um distúrbio de aprendizagem; que implica dificuldades na escrita, uma vez que o aluno disortográfico apresenta dificuldades para organizar as ideias, seja na produção textual ou na fixação das formas ortográficas das palavras. Assim, a disortografia pode ser definida da seguinte forma:

A disortografia é a denominação para as dificuldades de aprendizagem relacionadas com a ortografia e sintaxe. A disortografia é um Transtorno Específico da Escrita, é uma modificação na projeção da linguagem escrita, que determina transtornos de aprendizagem na ortografia e gramática, apesar de o potencial intelectual e a escolaridade do indivíduo estar adequados para a idade (Silveira, 2014, p.118).

Em suma, a disortografia não é um problema que se limita ao processo de alfabetização, mas pode surgir em qualquer nível escolar. Sendo assim, cabe ao professor e à direção escolar realizar um acompanhamento mais aprofundado deste aluno, uma vez que, o aluno disortográfico tem dificuldade de identificar as letras e de ordená-las, o que torna a sua escrita incompreensível. Sendo assim, os docentes devem concentrar a sua atenção para aquela criança, uma vez que, de acordo com Torres e Fernández (2001), a disortografia refere-se que a escrita será igualmente defeituosa e caracterizada por inúmeros erros.

Selikowitz (apud Casal, 2013, p. 41) afirma que existem três tipos de dificuldades que podem tornar a escrita incompreensível, sendo elas: “as dificuldades relacionadas ao aprendizado específico da escrita; as dificuldades associadas à caligrafia; e, por fim, a presença de um distúrbio de linguagem, no qual o texto apresentado está tão repleto de erros que as frases ou as palavras entre si não fazem sentido”.

Muitas vezes, essas dificuldades são interpretadas como ações de desinteresse dos alunos, devido à falta de organização na escrita de frases e textos, o que é uma percepção equivocada, pois o transtorno disortográfico não está relacionado ao desenvolvimento da escrita, mas sim, à forma como o aluno escreve, pois, tem dificuldade em colocar as palavras conforme as exigências ortográficas e gramaticais. Essa é uma das características da disortografia que Silveira (2014) aponta:

A principal característica de um sujeito discográfico é a confusão que ele

apresenta com as letras, sílabas e trocas ortográficas já trabalhadas em sala de aula pelo docente. Outras características são as inversões, aglutinações, omissões e desordem na estrutura da frase (Silveira, 2014, p.119).

Além da discrepância que o estudante disortográfico pode experimentar ao escrever, há uma outra característica que pode ser atribuída à disortografia, que é a dificuldade em separar as sequências gráficas, conforme ressaltado por Afonso (2010):

A disortografia implica ainda a dificuldade em separar sequências gráficas (“acasa”) em lugar de “a casa”, “(derepente em vez de “de repente”) e em utilizar as regras de ortografia (não colocar “m” antes de “p ou b” e não respeitar as letras maiúsculas. Não escrevem com letra maiúscula depois de ponto ou no início do texto; infringem regras de pontuação, e não usam o hífen para translinear as palavras (Afonso, 2010, p. 21).

Logo,

A disortografia caracteriza-se pela falta da vontade das crianças em escrever, possuem também características linguístico-perceptiva (troca de sílabas), viso analítica (não associação dos fonemas e grafemas), erros do conteúdo (junção de sílabas de duas palavras) e erros das regras ortográficas (Penteado; Padiar, 2016, p. 6).

Ademais, Weiss e Cruz (2007, p.70) afirmam que este transtorno da escrita é fundamentalmente caracterizado por trocas de natureza ortográfica, como, por exemplo, em vez de (x), (s) em vez de (z) ou vice-versa.

Dessa forma, é possível notar que a disortografia apresenta como principal característica a “bagunça”, uma vez que, pois este transtorno impede que os alunos escrevam de forma correta e alinhada. Isso dificulta a aprendizagem, que pode ser temporária ou durar muito tempo. Isso pode acontecer em todos os níveis da escolarização. Para isso, é necessário que o docente estar atento ao comportamento dos alunos durante o desenvolvimento das atividades, pois segundo Torres e Fernández (2001, p.81), “a disortografia está relacionada a cinco fatores: as causas de tipo perceptivo, intelectual, linguístico, afetivo-emocional e pedagógico”. Entretanto, estes podem ser percebidos pelos docentes.

No entanto, é importante salientar que Selikowitz (2010, p.93) afirma que a presença de um tipo específico de erro na escrita não significa necessariamente a presença de um único tipo de disortografia na criança ou jovem. Torres e Fernández mencionam na sua obra que a disortografia está relacionada a sete tipos e cada um manifesta-se de forma diferenciada como demonstrar o quadro.

Quadro 2- Tipos e características da disortografia segundos Torres e Fernández (2002)

Tipos de disortografia	Análise
Temporal	Caracterizada pela incapacidade de se ter uma percepção, ordenação e separação clara dos aspectos fonêmicos da cadeia falada.
Perceptivo-cinestésica	Caracterizada pela incapacidade para analisar as situações cinestésicas que intervêm na articulação, verificando-se, deste modo, substituições no ponto e modo de articulação dos fonemas.
Cinética	Caracterizada pela incapacidade de

	sequenciar os fonemas do discurso, verificando-se, neste caso, erros de união ou separação
Visuo-espacial	Caracterizada pela alteração perceptiva da imagem dos grafemas ou conjunto de grafemas, ocorrendo, neste caso, rotações e inversões e troca de letra como (p) por (d) e (d) por (q).
Dinâmica ou Digramatismo	Caracterizada pela alteração da expressão escrita das ideias e estruturação sintática das ideias.
Semântica	Caracterizada pela alteração da análise conceitual, os elementos diacríticos ou recurso a sinais ortográficos.
Cultural	Caracterizada pela grave dificuldade na aprendizagem da ortografia convencional e das suas regras.

Fonte: Elaborada pela autora, 2023, adaptado de Torres e Fernandez (2002).

Além disso, ao analisar estes sete tipos de disortografia, é possível notar que este transtorno é complexo, uma vez que os problemas relacionados envolvem a fonológica e fonética. Dessa forma, os alunos disortográficos manifestam erros na escrita que através de uma análise minuciosa é possível diagnosticar que o aluno apresenta dificuldades de aprendizagem.

Sampaio (2009, p.129) resalta algumas características de indivíduos que apresentam situações de disortografia, sendo elas: Troca de letras que se parecem: faca/vaca, chinelo/jinelo; Confusão de sílabas: encontraram/encontrarão; Adições: ventilador; Omissões: cadeira/cadera, prato/pato; Fragmentações: em saiar, a noitecer; Inversões: pipoca/picoca e junções; no meio da tarde, voltarei mais tarde.

O processo de disortografia, com frequência, processo de construção de frases, que muitas vezes são inacabados, o que resulta na ausência de elementos (letras) essenciais para a compreensão do texto. Isso resultar em desinteresse em realizar as tarefas, baixa autoestima e autoconfiança conforme apontado por Santo (2009) “como consequência da sua dificuldade de aprendizagem, os alunos podem apresentar baixos níveis de autoestima e de autoconfiança, o que pode conduzir à falta de motivação, afastamento, crises de ansiedades e estresse e até mesmo depressão” (Santos, 2009, p.10).

Conforme o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM a Disortografia, é também conhecida como Transtorno Específico da Escrita que é uma alteração na planificação da linguagem escrita, que causa transtornos na aprendizagem da ortografia, gramática e redação, apesar de o potencial intelectual e a escolaridade dos indivíduos estarem adequados para idade (American Psychiatric Association, 1994, p. 38).

3.1 DIFERENÇA ENTRE DISORTOGRAFIA, DISGRAFIA E DISLEXIA

A dificuldade na aprendizagem é um tema recorrente atualmente, pois aprender é um processo complexo e contínuo, pois a todo instante, aprendemos algo ou ressignificados o

que já aprendemos. Contudo, existem diversos que podem dificultar a aquisição desse conhecimento, pois há diversos obstáculos que impedem o progresso da aprendizagem, como o caso do transtorno da disortografia, que é de uma dificuldade que afeta a escrita. Torres e Fernández (2001, p. 75) lembram que esse termo já foi confundido com os transtornos da disgrafia e dislexia.

Em seguida, é imprescindível compreender o conceito de cada transtorno para ser viável compreendê-lo. De acordo com Marques, (2011), “a disortografia é uma escrita que não é necessariamente didática, mas com diversos erros, que surge logo após a aquisição dos mecanismos de leitura da escrita. Para muitos autores, a disortografia é apontada como uma sequela da dislexia” (Marques, 2011, p.142). Portanto, averiguar que o aluno disortográfico conseguiu aprender a ler, mas tem dificuldade em organizar as frases conforme a ortografia.

A Disgrafia, é uma condição que afeta como escrevemos. “dis” (desvio) + “grafia” (escrita), ou seja, é “uma perturbação de tipo funcional que afeta a qualidade da escrita do sujeito, no que se refere ao seu traçado ou à grafia” (Torres; Fernández, 2001, p.127); prende-se a “codificação escrita (...), com déficits de execução gráfica e de escrita das palavras” (Cruz, 2009, p.180).

Dessa forma, o aluno digráfico, ao escrever, apresenta um traçado nas letras que, geralmente, é indecifrável. Em alguns casos, esse distúrbio é conhecido como “letra feia” e pode ter consequências no processo de aprendizagem, uma vez que “a letra feia” é consequência das dificuldades para lembrar a grafia correta para representar um som, ouvido ou elaborado mentalmente”(Mafra apud Confortin, 2007, p 29).

Nesta situação, a disgrafia é uma deficiência que afeta a qualidade da escrita do estudante, já que como a letra é desenhada torna a escrita praticamente indecifrável. Isso acontece porque o aluno não tem uma má coordenação motora que impossibilita de apoiar o grafite e manusear de forma adequada para desenvolver a escrita. Conforme cita Bastos (2013).

A pessoa digráfica apresenta também uma série de outros sinais que dificultam o desenho das letras, e que por sua vez também causa esse tipo de problema. Entre estes sinais encontram-se uma postura incorreta do material a ser utilizado, que inclui a forma de segurar o lápis, a pressão insuficiente sobre o papel, e também um ritmo muito lento ou excessivamente rápido (Bastos, 2013, p. 1).

Logo, percebe-se que a disgrafia distinta da disortografia pode ser considerada um transtorno que afeta diretamente a escrita, já que o estudante não consegue compreender o que foi escrito devido à letra ilegível.

Em contrapartida, a dislexia está relacionada à disgrafia e à disortografia, visto que elas compartilham características semelhantes. O termo dislexia é derivado do grego, onde “dis” significa dificuldade e “lexis” significa palavra. Portanto, dislexia é definida como “dificuldades com as palavras”. Esta dificuldade pode ser descoberta devido a uma discrepância entre a boa capacidade oral de um aluno e o seu desempenho medíocre ou ruim no papel”(Hudson, 2019, p. 27). Desse modo, é possível notar que o aluno disléxico tem uma excelente capacidade de se comunicar, mas apresenta dificuldades em transcrever as palavras para o papel.

Isso resulta numa diminuição do interesse em realizar as atividades propostas em sala de aula, como aponta Coelho (2013, p. 5) “o que faz com que diversas crianças neguem-se a fazer as atividades que estão atreladas à leitura e até a escrita” com medo de revelarem os erros que cometem”.

Sucintamente, o processo de leitura e escrita envolve habilidades cognitivas complexas que dependem da integridade funcional de determinadas áreas do hemisfério

esquerdo do cérebro. Primeiro é ativada a região inferior frontal que processa os fonemas fazendo a vocalização e articulação das palavras, e a correspondência grafema-fonema. Em seguida, a região occipital-temporal reconhece as palavras, possibilitando a leitura rápida e automática (Martins, 2001, p.03). A figura abaixo apresenta o Sistema Cerebral - Ativação no momento da leitura e as suas respectivas funções.

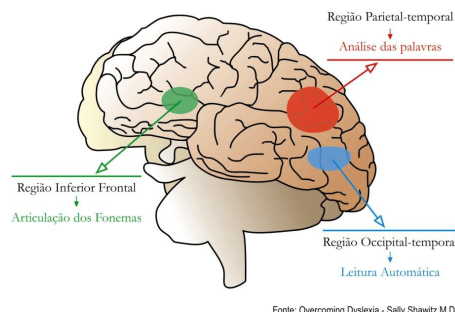


Figura 1: Áreas do cérebro responsáveis pela linguagem. In: Shaywitz (2003, cit. por Pinheiro, 2009).

Dessa forma, a Dificuldade Específica de Aprendizagem (DEA) está relacionada a diversos fatores complexos que podem ser inatos ou persistentes na vida escolar. Na maioria das vezes, esses transtornos são identificados quando a criança ingressa na escola. No entanto, é relevante salientar que é necessário que o docente faça um acompanhamento mais aprofundado para identificar quais dificuldades o aluno apresenta, visto que esta apresenta características diferenciadas.

3.2 INTERVENÇÃO, ACOMPANHAMENTO E TRATAMENTO NO TRANSTORNO DA DISORTOGRAFIA

Quando as crianças vão para a escola, os pais esperam que os seus filhos saibam ler e escrever, já que isso é natural. Se a criança não consegue ler, é porque tem dificuldade de aprender, conforme cita Bossa (2000).

A aprendizagem e a construção do conhecimento são processos naturais e espontâneos na nossa espécie e, se não estão ocorrendo, certamente existe uma razão, pois uma lei da natureza está sendo contrariada. É preciso então identificar a causa dessa falha para que a vida possa seguir o seu curso natural (Bossa, 2000, p.11).

Sendo assim, a aprendizagem sendo algo que acontece de forma natural, espera-se que todo indivíduo aprenda a ler e escrever. Entretanto, a aprendizagem da leitura e da escrita não é algo que ocorre de forma imediata, visto que cada aluno tem o seu ritmo de aprendizagem diferenciado e muitas vezes a criança pode apresentar um transtorno de aprendizagem que vai dificultar que este processo ocorra de modo rápido.

Todavia, a falta de conhecimento sobre a disortografia muitas vezes faz que o aluno seja excluído em sala de aula por não desenvolver as atividades passada pelo, o docente, isto pode contribuir para um atraso no desenvolvimento da aprendizagem, bem como este pode ser considerado um aluno preguiçoso. Segundo Santos e Pereira (2012) afirmam que

Os professores ao depararem com crianças que não satisfazem aos planejamentos e seus instrumentos de controle acabam rotulando, e até às vezes menosprezando essa criança sob o argumento de ser uma criança problemática ou hiperativa. Ao passar os seus conflitos para os gestores acabam recebendo orientações divergentes com a situação. Esse jogo de

falta de conhecimento provoca nos professores e gestores um ambiente de incompetência e alienação (Santos e Pereira, 2012, p.3).

Devido a isso, muitos docentes, por não terem familiaridade ou conhecimento limitado sobre este transtorno, acabam excluindo o aluno por não conseguirem acompanhar as atividades propostas em sala de aula. Infelizmente, essa é uma realidade que está presente no contexto educacional, já que a falta de diagnóstico resulta em rótulos negativos, tais como “lerda”, “não quer nada com a vida” e “preguiçosa”, dentre outros.

Contudo, muitos estudantes desejam aprender, mas têm dificuldades porque não conseguem acompanhar o ritmo da turma. Dessa forma, é crucial identificar o transtorno nos anos iniciais e, para isso acontecer, é indispensável que o docente esteja atento ao desempenho dos alunos. Destaco a figura do docente porque ele tem um contato mais próximo com o educando. Quanto mais cedo as dificuldades foram identificadas maiores as chances de superar Gomez e Terán (2014, p.95) afirmam que “[...] quanto mais cedo for realizada a intervenção de suporte, a criança poderá aprender a conduzir melhor a sua dificuldade em aprender”.

Todavia, é relevante salientar que o acompanhamento dos pais e da equipe multidisciplinar nesse processo é crucial tanto para o aluno quanto para “[...] o professor na sua função como mediador e participante ativo desse processo tem o dever de criar as condições de aprendizagem específica para criança”(Stumer, 2019, p. 93). Mas é indispensável existir essa parceria que pode contribuir significativamente para o desenvolvimento da criança ou jovem disortográficos.

Afonso (2010) destaca: “O desempenho destas crianças melhora se existir uma cooperação casa/família através de contato regular entre pai e professores. Os pais devem reforçar a autoestima acreditando que os seus filhos têm potencialidades e conseguirão superar o problema” (Afonso, 2010, p. 40).

Concordando com o autor, verifica-se que o processo de ensino- aprendizagem não é responsabilidade somente do professor, mas sim de toda a equipe gestora e família, ambos têm que planejar e elaborar estratégias didáticas para superar essa dificuldade de aprendizagem que, muitas vezes, estão relacionadas a outros fatores, conforme cita Stumer (2019) as, dificuldade de aprendizagem podem ser entendidas como “[...] qualquer tipo de dificuldade apresentada durante o processo de aprendizagem, manifestando-se em decorrência de diversos fatores”.

Desse modo é relevante que o docente desenvolva estratégias para que ser possível contornar esta dificuldade como cita Hudson (2019)

Encontrar maneiras de contornar as dificuldades dos alunos para que ele acompanhe o resto da turma. Faça com que ele saiba que você terá prazer em ajudá-lo individualmente, se surgir a necessidade. Pode valer a pena reservar um horário e local toda semana em que você terá disposição, se ele quiser falar com você. Alguns professores mantêm um horário regular de atendimento para qualquer aluno que deseja consultá-lo. Seja positivo e animado e tente aumentar a autoconfiança no aluno. Felizmente, hoje em dia existe maneira de evitar uma quantidade muito grande de trabalhos manuscritos (Hudson, 2019, p.75).

Nessa perspectiva, Silveira destaca

É importante que o docente observe as trocas mais frequentes que o aluno apresenta, assim, poderá planejar e realizar atividades mais diretas, relacionadas a essas dificuldades. Trabalhar o lúdico, incentivar a

brincadeira, o jogo e a música, desta forma a criança tende a se interessar pela atividade (Silveira, 2014, p.119).

Diante dessa análise que o docente deve realizar conforme citou Silveira (2014) a avaliação de intervenção da disortografia deve estar voltada para o sistema de escrita, pois é nesse ponto que as crianças ou jovens têm dificuldade. Conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais da Educação- PCNs (1997) ao final da primeira etapa do Ensino Fundamental com relação à ortografia é importante que as crianças consigam desenvolver as seguintes habilidades: identificar e analisar as interferências da fala na escrita, principalmente em contextos de sílabas que fogem ao padrão consoante/vogal.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na revisão bibliográfica apresentada e discutida, foi possível constatar que a disortografia é um transtorno que está relacionado à dificuldade de escrita e que se caracteriza por diversos erros ortográficos. Assim, o presente artigo demonstrou a relevância de compreender o conceito de disortografia e como ela pode se manifestar na vida estudantil, uma vez que é sabido que todas as atividades relacionadas ao ensino-aprendizagem devem ser direcionadas para o desenvolvimento do aluno.

No entanto, é importante destacar que a responsabilidade de ensinar o aluno disortográfico não é somente do docente, este necessita de ajuda psicopedagogia para aprimorar a compreensão sobre como trabalhar com aluno disortográfico, evitando que ele se torne preguiçoso ou desinteressado. A administração da instituição de ensino e a assistência familiar devem colaborar com o docente nesse processo.

O aluno com dificuldade de aprendizagem precisa de atendimento educacional especializado, uma vez que o aluno com transtorno requer uma prática diferenciada dos outros estudantes, uma vez que estes requerem de maior atenção e tempo, pois a disortografia impede que o aluno formule/organize a escrita de forma ortograficamente correta.

Sendo assim, é relevante debater este problema no âmbito educacional, pois as instituições devem estar a par deste tema para que o aluno possa ter um melhor desempenho na aprendizagem. Todos os profissionais, incluindo professores, familiares e gestores precisam ter mais conhecimento sobre os problemas que envolvem ortografia correta para auxiliar os alunos a superarem estes transtornos vividos na sala de aula.

REFERÊNCIAS

- AFONSO, Maria de Lourdes Peixoto. **Disortografia**: compreender para intervir. Dissertação (Mestrado em Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti). Porto, 116 p. Setembro de 2010.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual de Diagnóstico e Estatística de Distúrbios Mentais DSM III-R**. São Paulo: Manole, 1994. American Psychiatric Association.
- ABREU, M.V. **Pais, Professores e Psicólogos**. Coimbra: Coimbra Editora, 1996.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Matemática. Ministério da Educação e do Desporto: Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, 1997.
- BASTOS, Ana Carmen. **Associação Portuguesa de Pessoas com Dificuldades de Aprendizagem Específicas-APPDAE**, 2013.
- BOSSA, Nadia A. **Dificuldades de Aprendizagem: o que são? Como tratá-las?** Porto Alegre: Artmed, 2000.
- CASAL, C.J.F. **Disortografia**: a escrita criativa na reeducação da escrita. Porto:

- Universidade Fernando Pessoa, 2013.
- COELHO, Diana Tereso. **Dislexia, disgrafia, disortografia e discalculia**. Porto: Areal Editores, 2012.
- CONFORTIN, Helena. **Dificuldades na aquisição da linguagem escrita**. In: ENRICONE, J; GOLDBERG, (Org.) Necessidades educativas especiais: subsídios para a prática educativa.
- CRUZ, V. **Dificuldade de Aprendizagem Específica**. Lisboa: Lidel-edições técnicas. 2009.
- DOMINGUÊZ, Bruna Carolina Barros et al. **Disortografia e as dificuldades de aprendizagem nos anos iniciais**. 2019.
- FERREIRA, E. BATISTA, D.M. **As contribuições da Teologia da Educação Cristã para a conservação do Meio Ambiente**. Caderno Intersaberes-v.7 n. 11-2018.
- FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre, RS: Bookman, 2004.
- GOMEZ, A. M.S. TERÁN, N.E. **Dificuldades de Aprendizagem**. São Paulo: Editora. Grupo Cultural, 2014.
- HUDSON, D. **Dificuldades Específicas de Aprendizagem: ideia prática para se trabalhar com: dislexia, discalculia, disgrafia, dispraxia, TDAH, TEA, Síndrome de Asperger, TOC; tradução de Guilherme Summa**. Petrópolis: Vozes, 2019.
- KNECHTEL, M.R. **Metodologia da pesquisa em educação: uma abordagem teórico-prática dialogada**. Curitiba: Intersaberes, 2014.
- MARTINS, G. A. PINTO, R. L. **Manual para elaboração de trabalhos acadêmicos**. São Paulo: Atlas, 2001.
- MARQUES, Tereza Paula. **Clínica da Infância: Conselhos Práticos de Psicologia Infantil**. Alfragide: Oficina do livro, 2011.
- MANTOAN, M.T.E. **Inclusão escolar: caminhos, descaminhos, desafios, perspectivas**. In: M.T.E. Mantoan (Org). O desafio das diferenças nas escolas. Petrópolis. Editora Vozes, 2008.
- ROCHA, G. FONTES-MARTINS, R. **A apropriação de habilidades de leitura e escrita na alfabetização: estudo exploratório de dados de uma avaliação externa**. Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação, Rio de Janeiro, v. 22, n. 85, 2014.
- PEREIRA, R. S (2009). **Dislexia e Disortografia-Programa de Intervenção e Reeducação** (vol. I e II). Montijo: You!Books.
- PENTEADO, J. O. A. PADIAR, G.R. **A disortografia como dificuldade de aprendizagem específicas**. São Paulo: CONIC, 2016.
- SAMPAIO, S. **Dificuldades de aprendizagem: a psicopedagogia na relação sujeito, família e escola**. Rio de Janeiro: Wak Ed.2009.
- SAMPAIO, S. **Atividades corretivas de leitura e escrita: guia prático para disléxicos e pré-escolares/Simaia Sampaio**. 2.ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2013.
- SANTOS, Sirley Geyziana Brito dos. **Disortografia: avaliação e intervenção no 5 ano do ensino fundamental**. 2014.
- SANTOS, L.B.C. PEREIRA, M.P. M. P. R. A. D, **Dificuldade de Aprendizagem: concepções e problemáticas contemporâneas**. São Cristóvão: Educon, 2012.
- SANTOS, Nilza Maria dos. **Problematização das dificuldades de aprendizagem**. Trabalho de conclusão de atividades do Programa de Desenvolvimento Educacional. Universidade Estadual de Londrina, Paraná, 2009.
- SERRA, H. NUNES, G. SANTOS, C. **Avaliação e diagnóstico em dificuldades específicas de aprendizagem: pistas para uma intervenção educativa: ensino básico: professores**. Helena Serra, Glória Nunes, Clara Santos. Porto:Edições Asa, 2005.
- SILVEIRA, T.R. **Psicopedagogia: um novo olhar frente à disortografia**. Revista Historiador, n. 6, janeiro de 2014.
- SIQUEIRA, C. T. **Construção de saberes, criação de fazeres: educação de jovens no hip hop de São Carlos**. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação).
- STÜMER, P. A. **Dificuldades de aprendizagem nos anos iniciais do Ensino**

Fundamental: análise dos encaminhamentos escolares à equipe multidisciplinar da educação. 2019. Dissertação (Programa de Pós Graduação em Educação) –Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), Francisco Beltrão, 2019.

TORRES, R. FERNÁNDEZ, P. **Dislexia, Disortografia e Disgrafia**. Portugal: McGraw Hill, 2002.

WEISZ, T. **Como se aprender a ler e a escrever ou prontidão é um problema mal resolvido**. In: SECRETARIA DE EDUCAÇÃO. COORDENADORIA DE ESTUDOS E NORMAS PEDAGÓGICAS. Ciclo Básico. São Paulo: SE/CENP,1988.